

Nome Completo: Gustavo Barreto Vilhena de Paiva

E-mail: gustavo.barreto.paiva@usp.br

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Estêvão

AS CONCEPÇÕES DE FILOSOFIA MEDIEVAL DE ÉTIENNE GILSON E ALAIN DE LIBERA

Resumo: Duas obras têm sido marcantes para a historiografia da filosofia medieval nos séculos XX e XXI, a saber, a de Étienne Gilson (1884-1978) e aquela de Alain de Libera (1948-). Mais do que elementos basilares da historiografia francófona da filosofia, ambos ultrapassaram tal âmbito para se tornarem interlocutores das mais variadas escolas de pensamento – o primeiro, com uma vasta coleção de escritos ingleses além de seus clássicos franceses, o segundo mantendo claro diálogo com a filosofia alemã dos séculos XIX e XX. No entanto, a sucessão cronológica entre os dois corresponde a um grande afastamento do ponto de vista teórico, isto é, no que diz respeito às suas respectivas concepções de ‘história da filosofia medieval’. Assim, enquanto Gilson teve o seu auge de influência na primeira metade dos noventa, produzindo sua obra no contexto do neotomismo que vinha se desenvolvendo desde as últimas décadas do século XIX, De Libera, por sua vez, produz seus principais trabalhos a partir da década de 1980, sob influência da recepção francesa da filosofia alemã que estava em curso desde o período pós-Segunda Guerra Mundial. Dito isso, o que pretendo neste trabalho é desenvolver uma comparação entre as concepções de ‘filosofia medieval’ dos dois autores, para compreender como cada um justifica a atualidade de seus respectivos trabalhos e, mais precisamente, de suas respectivas narrativas da história da filosofia medieval.

No que diz respeito a Étienne Gilson, o que primeiro se deve notar é que, para ele, a narrativa de uma história da filosofia medieval não é um fim, mas antes um meio para a elaboração de um pensamento filosófico. Dito de outra maneira, a história da filosofia por ele narrada serve como base (ou justificativa) para a filosofia tomista que ele pretende desenvolver. Pois bem, que a filosofia não seja a sua própria história já fica claro nas suas

William James Lectures, proferidas na Universidade de Harvard e publicadas sob o nome de *The Unity of Philosophical Experience* (1937). Nesse texto, o autor precisamente desenvolve uma narrativa histórica que se desenrola desde a Idade Média até a filosofia do século XX, com o intuito de demonstrar, a partir das ‘experiências filosóficas’ desses períodos que, “sendo o ser o primeiro princípio de todo conhecimento humano, ele é a fortiori o primeiro princípio da metafísica” (p. 252), do que redonda a centralidade da metafísica para o pensamento filosófico. Com essa tese, Gilson pretende se contrapor àquele que ele considera o grande erro da filosofia moderna, a saber, a afirmação de que “o pensamento, não o ser, está envolvido em todas as minhas representações” (p. 255, grifo no original). Aqui, ficam claros três elementos basilares do pensamento de Gilson: [i] a oposição a um modernismo (oposição esta que caracteriza, a bem dizer, todo movimento neotomista); [ii] a afirmação da centralidade do ser e, mais, da cognoscibilidade do ser como algo real, para além do sujeito; finalmente, o mais importante para nós, [iii] o fato de que tal centralidade do ser pode ser demonstrada (como que indutivamente – cf. *L’esprit de la philosophie médiévale*, 1932) pela narrativa da história da filosofia. Isso, porém, não explica o porquê da centralidade da *filosofia medieval* nessa narrativa. Para compreendê-lo, precisamos nos voltar para obras posteriores, nomeadamente, *L’être et l’essence* (1948) e *Being and Some Philosophers* (1952). Aqui se torna claro que, para Gilson, a filosofia de Tomás de Aquino é aquela que atinge o ideal de uma filosofia centrada no ser enquanto ‘ser real’, ou seja, do ‘ser enquanto existente’, fazendo do pensamento algo dependente da realidade. A história da filosofia tal como Gilson concebe ‘filosofia’, atinge seu auge com Tomás de Aquino e a narrativa dessa história é atual na medida em que comprova a necessidade de uma retomada do tomismo na filosofia contemporânea, sempre considerando-o como uma ‘filosofia cristã’, uma noção que deveremos aprofundar.

É completamente diferente a visão de história da filosofia medieval que encontramos em um autor como Alain de Libera. Desde começos da década de 1990, já vemos os começos de sua reflexão sobre a própria historiografia da filosofia medieval, em um livro como *Penser au moyen âge* (1991). Porém, não é aqui que encontraremos os principais pontos em que o autor se afasta de Gilson, uma vez que seu adversário neste livro é antes o Jacques Le Goff de *Les intellectuels au moyen âge* (1957) e Gilson, de sua

parte, “tinha, evidentemente, bem poucos pontos em comum com os historiadores dos *Annales*” (*Penser...*, p. 42), escola historiográfica de que Le Goff era herdeiro. Assim, a nossa discussão avança mais pela consideração da introdução a *L’art des généralités* (1999), onde De Libera expõe resumidamente sua concepção de história da filosofia e, em particular, da história da filosofia medieval. Em primeiro lugar, fica patente a materialidade de sua concepção de história: “<n>osso objeto é a memória: a memória material, a memória inconsciente, a memória sem sujeito, brevemente a memória dos textos” (p. 8). Ou seja, vemos aqui uma narrativa que toma para si um fundamento claro, a saber, as fontes textuais, o que certamente exige uma reflexão sobre crítica textual (p. 9). Mais importante, porém, é a concepção desse desenvolvimento de uma história da filosofia fundada em textos criticamente estabelecidos como uma “arqueologia filosófica” (p. 6), expressão inspirada pela obra de Michel Foucault. Com isso, se torna clara a utilidade que De Libera enxerga em uma história da filosofia medieval, a saber, ela é uma ‘arqueologia’ do pensamento moderno e contemporâneo, no sentido em que ela surge como narrativa da ‘pré-história’ do pensamento moderno e contemporâneo. Nesse contexto, De Libera propõe o projeto de uma “arqueologia do sujeito” (cf. *Où va la philosophie médiévale?*, 2014), como forma de se compreender a noção de ‘sujeito’ (e, em geral, de ‘homem’) que tem marcado a filosofia desde inícios da modernidade filosófica. Tal projeto vem sendo desenvolvido na série *Archéologie du sujet* (publicada desde 2007) e nos cursos do autor no Collège de France (iniciados em 2013-2014).

Dito isso, parece-me fundamental, na comparação entre Gilson e De Libera, o fato de que ambos veem a narrativa de uma história da filosofia medieval como algo útil, porém diferentemente. Se para o primeiro, a sua utilidade está em demonstrar, como que por indução, a necessidade de uma retomada contemporânea do tomismo enquanto filosofia cristã, para o segundo sua utilidade está em nos permitir compreender, como que por uma arqueologia, as origens do nosso próprio pensamento, isto é, a pré-história da nossa filosofia. É precisamente essa diferença que pretendo desenvolver neste trabalho.

Palavras-chave: filosofia medieval; história da filosofia; Étienne Gilson; Alain de Libera.